



[DOSSIÊ PRÁTICAS JORNALÍSTICAS]



Mark Deuze

Professor de Estudos de Mídia com especialização em Jornalismo da Universidade de Amsterdam (UvA), Faculdade de Ciências Humanas.

Tamara Witschge

Universidade de Groningen, Faculdade de Letras.



O Que o Jornalismo está se Tornando

RESUMO

Como o jornalismo está em processo de tornar-se uma profissão pós-industrial, este artigo considera como o modo emergente de praticar o jornalismo profissional pede por novas maneiras de conceituar e pesquisar a experiência vivida dos jornalistas. O estado permanente de fluxo do jornalismo como um sistema social é mapeado, e uma perspectiva distinta é proposta, considerando o jornalismo como um objeto em movimento, algo que “se torna”, em vez de considerar o que ele “é”.

Palavras-chave: jornalismo; jornalista; trabalho

ABSTRACT

As journalism is in the process of becoming a post-industrial profession, this paper considers how the emerging mode of practicing professional journalism asks for new ways of conceptualizing and researching the lived experience of journalists. The permanent state of flux of journalism as a social system is mapped, and a distinct perspective is proposed on journalism that views it as a moving object, something that becomes, rather than is.

Keywords: journalism; journalist; work.

Tradução_Rafael Grohmann.

1. INTRODUÇÃO

No mundo todo, o jornalismo está em um processo de tornar-se um tipo diferente de profissão. Uma vez organizada em instituições formais, onde os trabalhadores contratados produziram conteúdo em condições de trabalho altamente estruturadas, embora informais, hoje a experiência vivida por jornalistas profissionais é muito mais precária, fragmentada e em rede. No centro do projeto de compreender o jornalismo como uma profissão, com suas diferentes funções na sociedade, é preciso conceituar o jornalismo para além das antigas organizações jornalísticas.

A pós-industrialização do jornalismo (Anderson; Bell; Shirky, 2013) é parte de uma tendência aferida pelas indústrias criativas, de um modo geral: uma mudança gradual dos modos de produção industriais centralizados e hierárquicos para o que Castells (2010) chama de forma de produção de empresa em rede. A forma em rede de empresa também aparece no trabalho em jornalismo, como já haviam notado a Federação Internacional de Jornalistas e a Organização Internacional do Trabalho em pesquisa realizada em 2006 em sindicatos e associações de jornalismo em 38 países de todos os continentes. O relatório assinalou um rápido crescimento dos chamados trabalhos “atípicos” na mídia, documentando que cerca de um terço dos jornalistas no mundo todo não trabalham em condições seguras, permanentes ou outras condições contratuais. Desde então, o jornalismo *freelance*, o empreendedorismo jornalístico e a precarização do trabalho têm se tornado cada vez mais proeminentes, particularmente entre jovens repórteres e iniciantes no campo (bem como para os jornalistas mais velhos afetados por demissões e pelo enxugamento dos postos de trabalho tão comuns em toda a indústria jornalística; cf. Mosco, 2009; Deuze, 2014).

O jornalismo pós-industrial atualmente pode ser visto tanto como constituído quanto resultado da chamada “modernidade líquida” (Bauman, 2000), onde as práticas individuais são parte de um contexto profundamente precário governado por uma permanente impermanência na indústria (onde contínuos

remanejamentos, reorganizações, demissões e inovações são a norma), no ambiente de trabalho (onde o lugar onde você trabalha e as pessoas com quem você trabalha estão em constante mudança), e nas carreiras (onde sua trajetória de trabalho é imprevisível, para dizer o mínimo). Para que o jornalismo se adapte, seus praticantes foram empurrados para desenvolver novas táticas, novas estruturas organizacionais e uma nova autoconcepção – enquanto ainda persistem velhas estruturas, rotinas e definições (de valores-notícia).

Neste artigo, consideramos como o modo pós-industrial de jornalismo pede por novas maneiras de conceituar e pesquisar a experiência vivida dos jornalistas. Argumentamos que necessitamos de suas perspectivas particularmente pessoais para repensar o jornalismo como um conjunto de pessoas comprometidas com “atos de jornalismo” (Stearns, 2013) para além de processos de “rotinizar o inesperado” (Tuchman, 1973) nas pequenas e grandes instituições midiáticas. Nesta contribuição, traçamos o permanente estado de fluxo do jornalismo, e os desenvolvimentos que desafiam fundamentalmente a teoria e a pesquisa em jornalismo. Embora muito já tenha sido feito no sentido de afastar-se das noções muito estáveis e sólidas do que o jornalismo é, como um campo que ainda luta para fazer justiça e capturar a complexidade dos processos de mudança contínua experienciadas por jornalistas em seu trabalho e nas organizações que usam os seus trabalhos. Por fim, propomos uma perspectiva diferente sobre jornalismo que o vê como um objeto em movimento, algo semelhante a um “tornar-se”, em vez de um “ser”.

2. INTRODUZINDO O JORNALISTA

Nosso argumento central neste artigo é o de que precisamos teorizar o jornalismo contemporâneo como um conjunto bastante complexo e desenvolvido de atitudes e práticas de (grupos ou equipes de) indivíduos envolvendo tanto jornalistas profissionais quanto profissionais de áreas afins, como programadores, designers e profissionais de marketing (Deuze, 2008; Lewis; Usher, 2014). A título de contextualização, primeiramente discutiremos quatro tendências no jornalismo sinalizando uma mudança na

concepção do jornalismo como um campo mais ou menos estável e consensual. Destacamos as seguintes tendências: uma reorganização dos ambientes de trabalho; a fragmentação das redações; a emergência de uma sociedade “redacional”, e a ubiquidade das tecnologias midiáticas. Estas tendências, cada uma à sua maneira, apontam para uma perspectiva de jornalista mais individual que institucional e para uma necessidade de re-conceituar o campo.

Primeiramente, o que Sennett (2006) chama de “cultura do novo capitalismo” chama a nossa atenção para a ênfase nas responsabilidades individualizadas colocadas na reorganização do trabalho. Sejam contratados ou independentes, os trabalhadores da mídia são cada vez mais chamados a abraçar e incorporar uma mentalidade “empreendedora”, onde cada indivíduo se torna uma marca ou empresa autogerida e autodisciplinada (Storey; Salaman; Platman, 2005). O jornalista como um empreendedor de si mesmo reconstitui “os trabalhadores como mais adaptáveis, flexíveis, e dispostos a se mover entre atividades e atribuições e assumir a responsabilidade por suas próprias ações, por seus sucessos e suas falhas” (Storey; Salaman; Platman, 2005, p. 1036). O jornalismo não foi uma exceção à tendência de individualização do trabalho (Lowrey; Anderson, 2005). Entretanto, a mudança da noção de empreendimento – com suas conotações de eficiência, produtividade, empoderamento e autonomia – de uma empresa para o indivíduo arranca a identidade profissional dos jornalistas. Gall (2000), por exemplo, nota como a introdução de contratos personalizados, embora permitindo que jornalistas individuais tenham alguma liberdade para negociar seus próprios contratos e condições de emprego, de fato, tem impacto na deterioração das condições de trabalho dos jornalistas: salários mais baixos, menos segurança nos empregos, e mais relações de trabalho contingentes (horários inconstantes, rotações nos empregos...).

Em segundo lugar, a produção de notícias cada vez mais se faz tanto dentro quanto fora das organizações profissionais jornalísticas, bem como dentro e por meio de múltiplas formas e formatos midiáticos. Esta fragmentação da redação é, além disso, facilitada pelas práticas de terceirização, subcontra-

tação e *offshoring*, fundamentais na área audiovisual (Ryan, 2009), bem como na mídia impressa – como documentado pela Associação Mundial de Jornais (*World Association of Newspapers*) em sua série de relatórios “Formando o futuro”¹. A prática de tais flexibilidades funcionais na força de trabalho é comum em toda a indústria jornalística. A flexibilidade funcional se relaciona à divisão da força de trabalho em um núcleo multiquificado e um grande perímetro de profissionais. O núcleo multiquificado consiste de alguns poucos profissionais que se beneficiam de uma maior estabilidade no emprego e no desenvolvimento da carreira e que desempenham muitas tarefas diferentes por toda a organização. O grupo do “grande perímetro” – que consiste na maioria dos trabalhadores no jornalismo hoje – tende a ser empregado temporariamente em arranjos subcontratados e terceirizados, e consiste, principalmente, em prestadores de serviços individuais independentes trabalhando dentro de uma “ecologia de projeto” (Grabher, 2002) dinâmica e muitas vezes informalmente dirigida formada por pessoas de dentro e de fora das instituições noticiosas.

Em terceiro lugar, em um nível mais abstrato, nas democracias avançadas comunicacionais atuais, a sociedade pode ser conceituada como “redacional” (Hartley, 2000). Uma sociedade redacional é aquela cujas práticas editoriais são requeridas para a sobrevivência de qualquer pessoa na era digital e, portanto, não pode ser considerado algo exclusivo de um grupo profissional particular como os jornalistas empregados em organizações jornalísticas. Tradicionalmente, a sobrevivência na era da informação tem sido vista como dependente de um ser “informacional” bem como de um cidadão informado (Schudson, 1995): próximo de estarem saturados de informação, os cidadãos necessitam ter “um ponto de vista e preferências que façam sentido para eles” (Schudson, 1995, p. 27). Nas sociedades redacionais, não é suficiente simplesmente o acesso à informação ou à produção de sentido decorrente das informações e o que eram consideradas como habilidades e competências jornalísticas são reque-

1 Por exemplo: <http://www.wan-ifra.org/reports/2009/03/12/outsourcing-revisited>; <http://www.wan-ifra.org/microsites/research-shaping-the-future-of-news-publishing>.

ridas a todos os cidadãos: eles precisam saber como coletar e processar grandes quantidades de informações, pesar e peneirar as informações em mãos, e serem capazes de fazer algo efetivo e criativo com essa informação (Gauntlett, 2011). Nessa era digital, todo mundo, em alguma medida, pratica “atos de jornalismo” (Stearns, 2013, p. 2), usando o que são consideradas técnicas jornalísticas e tendo responsabilidade por suas consequências.

A última tendência que enquadra o trabalho jornalístico em termos do indivíduo é o papel penetrante e ubíquo que as tecnologias (sempre em desenvolvimento) desempenham na natureza mutável do trabalho jornalístico e da organização jornalística. A imprensa de hoje está no computador de mesa ou no notebook equipado com acesso à internet banda larga e com ferramentas de publicação fáceis de usar, aplicativos *open source* e *hardware* convergentes (câmera, microfone, teclado). Essas tecnologias resultaram em um jornalismo convergente tanto dentro das redações, facilitando a produção em todos os aspectos jornalísticos fora das redações. Isto caracteriza centralmente o jornalista multitarefas que realiza uma maior variedade de tarefas – incluindo aquelas que são tradicionalmente realizadas por outras profissões (como designers, profissionais de marketing, publicitários ou editores) (Lee-Wright; Phillips, 2012).

3. ESTRUTURAS ALÉM DO INDIVIDUAL

No contexto precário individualizado do jornalismo contemporâneo, não é exagerado dizer que há sinais de estar ocorrendo um processo gradual de desprofissionalização (Witschge; Nygren, 2009), com a profissão estando sob enormes pressões devido a uma variedade de fatores, tais como: exigências de mercado e expectativas de mercado; uma divisão de trabalho precária e atípica que fragmenta a profissão; uma erosão contínua de seus valores e práticas por meio da intervenção da tecnologia (incluindo o advento de algoritmos, drones, robótica e softwares para selecionar, organizar, relatar e publicar as notícias); uma crença completamente instável e flutuante no setor público em geral (Van de Walle; Van Roosbroek; Bouckaert, 2008), e um declínio con-

comitante da crença no jornalismo especificamente (McNair, 2003).

Ao mesmo tempo, padrões e normas profissionais tradicionais ainda podem ser encontrados em toda a indústria, e nós vemos entre a maioria dos jornalistas, independentemente do arranjo contratual, um movimento no sentido de fazer bem o seu trabalho – um compromisso com a qualidade que sugere uma dedicação à profissão e ao “ofício” que é o jornalismo (Hanitzsch; Mellado, 2011; Willnat; Weaver; Choi, 2013; Witschge, 2013). Além disso, isso sugere como os valores intrínsecos continuam a dirigir práticas no campo, tanto dentro quanto fora das redações. O caminho para fazer bem o trabalho não é exclusivamente conectado aos arranjos organizacionais do trabalho jornalístico, mas encontra-se no nível individual e pessoal que indica um compromisso para além da instituição (Russo, 1998). Para aumentar a compreensão sobre a interação entre as normas profissionais e a autocompreensão dos jornalistas em uma era de desprofissionalização e precariedade, o jornalismo precisa ser compreendido para além de suas fronteiras tradicionais institucionais e organizacionais. O que o jornalismo é e o que é ser um jornalista pode ser entendido tanto em termos ideológicos quanto praxeológicos e não são mais dependentes do trabalho realizado dentro de instituições.

Assumindo a necessidade de um movimento para além da centralidade das redações (Wahl-Jorgensen, 2009) ou para “explodir” as redações (Anderson, 2011), não estamos sugerindo que a profissão e suas organizações não desempenham um papel ainda relevante. Argumentamos que não tem que ser necessariamente um trabalhador assalariado de uma organização jornalística para fazer parte do sistema jornalístico (na verdade, a maioria dos jornalistas trabalhando hoje não gozam mais desse emprego). É algo que depende da participação na comunicação dos elementos fundamentais (os blocos de construção) desse sistema. Entendendo o jornalismo dessa maneira, Scholl e Weischenberg (1998) propõem um modelo para a identificação sistemática de fatores que constituem um sistema jornalístico. Eles identificam diferentes níveis de análise por meio dos quais podemos acessar o que é o jornalismo, variando do

nível macro ao micro: sistemas, instituições, mensagens e atores. Acrescentando sistemas sociais e de crença como um quinto fator ao “modelo-de-cebola” de Weischenberg (1992), Shoemaker e Reese (2014) resumem esta abordagem como um modelo de hierarquia de influências do trabalho nas indústrias midiáticas e incluindo as seguintes dimensões:

- **Sistemas Sociais:** em que o conteúdo é influenciado por sistemas sociais ou ideologias das sociedades, geralmente admitido para ser mais ou menos coerente com os sistemas particulares de crença em relação aos grupos dominantes. Dentro do jornalismo como uma profissão, isso se relaciona à sua ideologia ocupacional consensualmente compartilhada por jornalistas, o que lhes permite auto-organizar e manter sua disciplina como uma profissão.
- **Influência social institucional no trabalho jornalístico:** onde o conteúdo é influenciado por fatores como mercados, audiências, anunciantes e grupos de interesse, referindo-se ao poder exercido sobre jornalistas por uma variedade de instituições e atores na sociedade, incluindo governo, fontes, clientes, grupos de interesses, audiências, empregadores e outras organizações midiáticas (tais como publicidade, relações públicas e comunicação mercadológica).
- **Nível organizacional:** as metas e políticas dos indivíduos como parte de uma ou mais estruturas sociais maiores (tais como organizações jornalísticas, empresas de clientes e *networks*) e como o poder é exercido dentro de tais estruturais.
- **Rotinas diárias na redação:** as influências inibidoras e permissivas das práticas de trabalho no contexto particular que Ulrich Beck (2000) chamou de “admirável mundo novo” do trabalho. As rotinas são práticas padronizadas que organizam como os profissionais de mídia percebem e funcionam em um mundo social de (competidores) – colegas e em um grupo profissional como um todo.
- **Nível individual dos trabalhadores do jor-**

nalismo: atitudes, formação e *background* do jornalista as diversas maneiras pelas quais ela ou ele participa (e configura) o processo de jornalismo.

Abaixo, exploramos como, em cada um dos níveis acima, os desenvolvimentos encontrados no trabalho estão rompendo significativamente com a maneira como conceituamos o jornalismo.

4. COMPREENDENDO O JORNALISMO COMO INDIVÍDUOS E INSTITUIÇÕES EM SEUS CONTEXTOS

No ambiente midiático atual, precisamos de uma compreensão não só de como ocorrem as funções disruptivas de cada nível de influência sobre os jornalistas no trabalho, mas também – e talvez mais importante – como os jornalistas enquanto indivíduos e grupos agem dentro desse sistema. Enquanto a questão institucional era dominante na organização do trabalho jornalístico, facilitando (e limitando) a comunicação sobre jornalismo, isso já não é mais suficiente para compreender o jornalismo como ele é praticado em muitos diferentes lugares por muito mais atores em circunstâncias muito diferentes. Nós colocamos a pesquisa em jornalismo no contexto do que Susan Keith (2011) chama de “ambiente midiático” em que os jornalistas trabalham, ou seja, em alguma medida, isso tem que ser entendido como uma indústria em transição – de fato, uma pós-indústria.

A teoria do jornalismo tem que ser aferida por uma avaliação crítica do papel, do trabalho e do ambiente/meio dos jornalistas individuais, embora reconhecendo o objeto de estudo – jornalismo – como um objeto dinâmico, requerendo mais uma ontologia do “tornar-se” em vez do “ser” (Chia, 1995). Como Robert Chia, nós propomos uma perspectiva sobre o jornalismo que privilegia “a realidade como uma configuração de relações processual, heterogênea e emergente” (Chia, 1995, p. 594). Nós discutimos abaixo como em cada um dos níveis de análises identificados acima – sistemas sociais, instituições sociais, organizações, rotinas e jornalistas individuais – as mudanças e os desafios no campo do

jornalismo pedem por considerações específicas em nossa metodologia e teoria.

4.1. Sistema Social

No nível do sistema social, precisamos examinar criticamente a ideologia ocupacional dos jornalistas, que é a conceituação da profissão e do papel que é compartilhado consensualmente pelos jornalistas, levando-os a se auto-organizarem e manterem a disciplina como uma profissão sem fronteiras formais. Na autocompreensão sobre o jornalismo, bem como na conceituação da profissão nas sociedades, a função do jornalismo na sociedade é muito ligada à sua importância para a democracia, o que levou a uma compreensão altamente consensual sobre o jornalismo (Hallin, 1992). Da mesma forma, pesquisadores e jornalistas geralmente usam uma noção normativa de jornalismo como proporcionando o “cimento social” das democracias como um ponto de partida de seu trabalho (Josephi, 2013).

12 Mesmo que o contexto profissional do jornalismo contemporâneo e o estado da indústria das notícias estejam profundamente precários, a definição e a compreensão consensual de jornalismo prevalecem, afetando nossa capacidade acadêmica de analisar e criticar o jornalismo (Zelizer, 2013). Neste estado de fluxo, é importante considerar a forma como os estudos em jornalismo enxergam o papel do jornalismo na sociedade e na democracia, e particularmente, se ele ainda está apto para tal tarefa. Uma chave para reorientar os estudos em jornalismo no sentido de compreender a condição humana em rápida mudança pode ser encontrada no projeto do fim do século XX de re-teorizar a própria modernidade, aferido pela sugestão de que a modernidade entrou em uma nova fase, formulada como uma modernidade segunda, em rede ou líquida. O trabalho de Bauman sobre todos os aspectos da vida em tempos líquido-modernos merece atenção específica. Bauman define uma sociedade líquido-moderna como uma “sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação de hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente” (Bauman, 2005, p. 1).

Se considerarmos a compreensão de Bauman sobre a modernidade, é importante notar que o jornalismo não somente ocorre nela, mas também ajuda a constituir essa “sociedade líquido-moderna”, onde incerteza, fluxo, mudança, conflito e revolução são condições permanentes da vida cotidiana. Nesse sentido, o trabalho jornalístico não somente contribui para, mas também é suscetível às qualidades da vida líquida. Neste contexto, o trabalho tem um caráter geralmente temporário, experienciado como uma ruptura diferente da rotina tradicional trabalho-vida (tendo como premissas o longo prazo, contratos com prazo de validade indeterminado com um único empregado que compartilha responsabilidades como benefícios sociais e de saúde). A natureza atípica do trabalho jornalístico alimenta diretamente a experiência vivida da modernidade líquida em termos de sua condição estrutural de temporalidade.

A mídia e, especificamente, a mídia jornalística desempenham um importante papel na exposição e amplificação deste estado líquido da modernidade. A velocidade e as multidões deste sistema social ganham forma em fenômenos como as notícias 24 horas por dia nos sete dias de semana, acontecimentos online em qualquer tempo e lugar, com a cobertura realizada por milhões de usuários nas mídias sociais, organizações noticiosas de *live blogging*, e uma série de correspondentes *freelancers* ao redor do mundo. Ao mesmo tempo, podemos identificar contramovimentos, como a emergência de *slow news* (Le Masurier, 2015), novos formatos de jornalismo *longform* e jornalismo transmídia (Moloney, 2012) e numerosas *startups* de notícias ao redor do mundo defendendo um tipo de jornalismo que é baseado mais na qualidade e na profundidade que na velocidade ou no *breaking news* (como o *De Correspondent*, na Holanda, o *The Conversation*, na Austrália e em outros lugares, e o *Mediapart*, na França). Nesse sentido, vemos que o jornalismo é tanto parte quanto constituinte do contexto social: a aceleração e a desaceleração da produção jornalística são sintomas de e uma resposta a uma profissão em tempos líquido-modernos.

Tais acontecimentos não acontecem em um vácuo, e precisamos entender o jornalismo tanto

enquanto um produto quanto como uma resposta ao seu ambiente. Dado o seu papel central na sociedade, muitos atores tentam exercer influência na reportagem jornalística (McQuail, 2013) e tendo em conta as forças econômicas e mercadológicas, o jornalismo está sempre sob pressão. Como *gatekeepers* autoprotoclamados, os jornalistas dependem de sua ideologia ocupacional e da cultura noticiosa como uma defesa contra esses atores e forças. Ao mesmo tempo, elementos dessa ideologia são usados para introduzir inovação disruptiva e transformação no campo. Por meio dos debates de definição, o que não acontece em somente um nível da profissão, mas também muito no nível do discurso público sobre o jornalismo, e por meio dos processos de legitimação e exclusão de participantes particulares nessas discussões, os jornalistas criaram barreiras de entrada (em grande parte, informais) para a profissão.

Na interação com os atores em torno do jornalismo, sejam eles o público, as fontes ou os poderes econômicos e políticos, cinco valores típico-ideais dão legitimidade e credibilidade ao que jornalistas fazem: serviço público, objetividade, autonomia, imediatismo e ética (Deuze, 2005). Neste discurso, jornalistas prestam um serviço público como cães de guarda ou “caçadores de notícias”, coletores ativos e disseminadores de informação. Argumenta-se que o diferencia o jornalista é o seu esforço de ser imparcial, neutro, objetivo, justo e, assim, crível. Relata-se a necessidade de ser autônomo, livre e independente para fazer seu trabalho de forma eficaz. Inerente ao conceito de notícia para os jornalistas está um senso de imediatismo, atualidade e velocidade. E, por último, argumenta-se que uma outra característica identitária é um senso de ético, validade e legitimidade.

Olhando estes valores, que podemos considerar da “alta modernidade” contra o acelerado contexto “líquido-moderno” em geral, podemos ver um claro contraste. Esta tensão vem ainda mais à tona em debates correntes sobre a natureza dos valores seculares como objetividade, verdade e autonomia. A amplificação e a aceleração de mais ou menos novos gêneros, formatos, produtos e serviços jornalísticos hoje apontam para o fato que a ideologia ocupacio-

nal do jornalismo permite que muitos “jornalisms” diferentes possam florescer.

Para os estudos em jornalismo, é importante compreender o desafio representado pela diferença entre a consistência da ideologia profissional e a proliferação de uma gama diversificada de jornalisms, muitas vezes valorizada por questões ideológicas. Questões sobre o que é o jornalismo são de extrema importância, o “trabalho de fronteiras” é abundante em toda a profissão e na academia, mas quem está dentro e fora da definição de jornalismo não o é de forma incontestável. Cada uma das definições é legitimada por meio de posições ideológicas, promovendo o que o jornalismo deveria ser, ou deveria fazer. Com tais práticas divergentes, fundamentadas em uma posição ideológica consensual sobre o jornalismo, o próprio jornalismo parece encapsular práticas possivelmente opostas.

O desafio para os estudos em jornalismo é compreender a ontologia do “tornar-se” no contexto de uma ideologia do “ser”: entendendo que o jornalismo não é algo que “é”, mas, sim, algo que “se torna”, “que vem a ser”, “que está se tornando”, por meio de uma diversificação de práticas e um subsequente trabalho de fronteiras. Como tal, é importante se livrar do desejo de fazer afirmações sobre “a” profissão, o que ela é (ou o que deveria ser), e o que significa trabalhar como jornalista, e sim desenvolver uma maior sensibilidade com relação ao mapeamento e à articulação de práticas e definições divergentes bem como interpretações ideológicas que, por sua vez, produzem muitos “jornalisms” diferentes sobre um nível social sistêmico.

4.2. Instituição Social

Vendo como o jornalismo é constituído ou moldado por fatores e atores institucionais, precisamos considerar como a profissionalização do jornalismo, em certa medida, contribuiu para as dificuldades enfrentadas atualmente quando olhamos para os novos modelos de negócio (tanto os industriais quanto os que sustentam carreiras individuais). A compreensão profissional sobre autonomia molda a interação com e a resistência à uma releitura fundamental da prática, e particularmente do quadro

institucional onde tal prática ocorre. Atualmente, confrontados com desafios disruptivos em muitas frentes, o negócio das notícias exige que seus trabalhadores assumam, cada vez mais, a responsabilidade da empresa (ou empresas, no caso de pessoas com carreiras *patchwork*, carregando um portfólio de múltiplos clientes), alterando o papel dos jornalistas em suas instituições. Neste contexto, Witschge e Nygren questionam se o desenvolvimento do jornalismo em nível institucional está, de fato, “indo em direção a uma desprofissionalização, onde os jornalistas se tornam ‘trabalhadores da mídia’ ou ‘produtores de conteúdo’ em empresas de mídia” (Witschge; Nygren, 2009, p. 42).

A conceituação tradicional do jornalismo como uma instituição que está cercada por todos os lados por forças que tentam exercer alguma influência não nos ajuda a compreender as práticas atuais do jornalismo, que inclui narrativas crossmídia e transmídia, trabalhos por projetos e carreiras de portfólio, convergência editorial e de negócios, empreendedorismo² e o que Henry Jenkins (2004) chama de “cultura da convergência”, onde as culturas de produção e consumo, cada vez mais, convergem em novos processos criativos (exemplificados no jornalismo por tendências de design mais centrado no usuário, interatividade da audiência e reportagens dos cidadãos).

Considerando a variedade de instituições e atores sociais que impactam na produção, no conteúdo e no consumo de jornalismo, é preciso reconhecer a ampla gama de atores envolvidos, rompendo com a prática de jornalismo profissional que já foi considerada mais ou menos coerente. No atual ecossistema midiático digital e em rede, os papéis desempenhados por disciplinas profissionais diferentes na produção de notícias – produtores, executivos financeiros, criativos publicitários, gerentes de comunicação, incluindo profissionais de venda e marketing – estão cada vez mais interligados.

No jornalismo, os papéis de conteúdo, vendas e marketing estão convergindo. Algo emblemático

² Nota da tradução: os autores utilizam os termos *entrepreneurship* e *entrepreneurialism* neste trecho. Optamos por traduzir somente como “empreendedorismo”, mas pode-se definir melhor *entrepreneurship* como aquele que empreende e *entrepreneurialism* como o espírito empreendedor.

disso é a emergência do “profissional-empresa” no jornalismo – desde editores cujas descrições de trabalho incluem gerenciamento de recursos humanos e análise de políticas (mais do que o trabalho estritamente editorial) até repórteres iniciantes tentando viver a vida como jornalistas “empreendedores” (Briggs, 2010). O empreendedorismo é um fenômeno relativamente recente, e no jornalismo isso coincide com queda gradual da parede entre os lados comerciais e editoriais das organizações jornalísticas. A quebra dessa parede que separa estes dois lados é importante na compreensão do que o jornalismo está se tornando. Como sugere Robert Picard (2010), a construção do muro foi central no processo de profissionalização do jornalismo. Este foi um processo que simultaneamente separou jornalistas das decisões de negócio e removeu dele qualquer responsabilidade sobre as ações das organizações e sua sustentabilidade, e levou os jornalistas a apreciarem, em geral, a autonomia editorial em seu trabalho. Com a crescente importância do empreendedorismo como um valor para os jornalistas que trabalham tanto dentro quanto fora das organizações jornalísticas, é seguro assumir que, em um nível institucional, o jornalismo está muito mais entrelaçado com uma série de outros atores, valores e prioridades do que geralmente já tinha sido feito (tanto em termos de sua autopercepção quanto na conceituação acadêmica do campo). Por sua vez, isso amplia a conversa sobre o jornalismo – o que é e o que deveria ser.

Estes desenvolvimentos nos obrigam a repensar o jornalismo como uma instituição estável, em que os jornalistas são vistos como “peças de máquinas” ou, negativamente, como agentes ativos que resistem a mudanças. Em vez disso, faz mais sentido focar no jornalismo e no trabalho dos jornalistas como *práxis*, de uma vez só condicionadas pelos arranjos sociais existentes e facilitando a transformação e a emergência de arranjos. Tal perspectiva sobre a mudança institucional “ênfata a habilidade dos agentes de mobilizar artisticamente diferentes lógicas e recursos institucionais, apropriadas pelos ambientes institucionais contraditórios até enquadrar e servir aos seus interesses” (Seo; Creed, 2002, p. 240). Por meio da *práxis*, as distinções dentro-fora das redações

se tornam menos relevantes, como se estivéssemos olhando para o que os jornalistas fazem e quando (e como) o trabalho jornalístico é feito, e como seus praticantes dão sentido àquilo que eles fazem individual e coletivamente.

4.3. Organizações Jornalísticas

A compreensão acadêmica do jornalismo como uma prática institucional de fronteiras pode ser pensada para o entendimento do jornalismo localizado em um quadrado na redação. A relativa estabilidade dos valores típicos-ideais da ideologia do jornalismo e o consenso sobre sua validade tem legitimado a estrutura dominante da indústria jornalística, que firmou os jornalistas (e, portanto, os debates sobre o que é o jornalismo) dentro das redações. Mas a redação de hoje é um excelente exemplo do conceito líquido-moderno: de muitas maneiras, esse conceito se parece exatamente como eram as redações de jornais e veículos de rádio e televisão na metade do século XX, com a importante diferença de que a maioria das redações hoje ou estão praticamente vazias (por causa das demissões em massa e das práticas de terceirização) ou estão se transformando em operações integradas onde convergem conteúdo, vendas, marketing e uma série de outras funções.

Além da redação estar se tornando um objeto cada vez mais fluido, é importante notar que a maioria do trabalho jornalístico atualmente é realizado em outros lugares. Com o crescimento do jornalismo “pós-industrial” (tal como encarnado na crescente força de trabalho de jornalistas empreendedores individuais, coletivos editoriais *freelancers* e a emergência de *startups* de notícias por todo o mundo), a “nova” redação é fragmentada, dispersa, em rede e, portanto, qualquer coisa menos estável. Para os pesquisadores em jornalismo, isso significa que é preciso reconsiderar o objeto de estudo: de um espaço facilmente localizável e bem organizado para uma rede dispersa e fragmentada de trabalhadores, trabalhadores sem carteira de trabalho, cidadãos voluntários e qualquer coisa nesse sentido. Isso que pode se revelar um desafio se torna claro quando pensamos como, ao longo da História, pesquisadores da área de jornalismo tem apoiado o domínio de determi-

nadas interpretações sobre (o papel do) jornalismo concentrando-se em arranjos organizacionais específicos dentro de configurações particulares privilegiadas. Como coloca Karin Wahl-Jorgensen (2009), pensar a “centralidade das redações” nos estudos de jornalismo significa dizer que:

os pesquisadores tem tendência a enfatizar a cultura dos jornalistas como algo que emerge de áreas limitadas das redações e outros lugares centralizados de produções de notícias, geralmente prestando pouca atenção a lugares, espaços, práticas e pessoas nas margens deste universo de produção de notícias espacialmente delimitado (Wahl-Jorgensen, 2009, p. 23).

O que define as consequências do trabalho jornalístico em seu arranjo contemporâneo deve ser baseado em uma compreensão crítico-realista de uma constante mudança nos membros e nas filiações a organizações jornalísticas. A filiação, em jornalismo, não é somente determinada pelo estar “dentro” das redações, ou ficar em pé do lado de fora (com a esperança de entrar). Quando consideramos as rupturas e os desenvolvimentos do campo no nível das organizações jornalísticas, torna-se aparente que, na era digital, não se trata tanto de um lugar, mas de um processo que envolve rede de pessoas, tecnologias e espaços. Há um intenso grau de fluxo, borrando dentro e fora as fronteiras das redações e seus ambientes. Na verdade, as novas maneiras como as redações são organizadas nos pedem para nos movermos para além da oposição binária de “dentro” e “fora” das redações, e como esta noção se torna cada vez mais obsoleta, e como conceito, pode mais ofuscar em vez de iluminar.

4.4. Rotinas

Outro mecanismo de organização do trabalho jornalístico é através das rotinas diárias: práticas padronizadas que organizam o modo como os profissionais de mídia veem e operam. Estes também estão cada vez mais desafiados, impactando nos modos como o jornalismo é praticado. E aqui, também, vemos um desafio importante para os estudos em jornalismo chegarem a um acordo e tomarem o controle sobre a natureza e o impacto das mudanças. Isso está longe de ser simples, pois a compreensão

acadêmica sobre as rotinas profissionais das redações tem sido consolidada na formação jornalística onde tais rotinas são componentes fixados em disciplinas sucessivas para jornal impresso, rádio, televisão e online.

Tal compreensão acadêmica sobre a profissão se alimenta diretamente da prática jornalística. Cottle (2007, p. 10) nota como a ênfase no “funcionalismo organizacional” que ainda domina a formação em jornalismo privilegia rotinas e formas padronizadas de fazer o trabalho jornalístico acima da diferenciação e da divergência. Estudar as práticas padronizadas que organizam o modo como profissionais de mídia dão sentido ao seu trabalho, dada a natureza pré-agendada de muitas das notícias (como coletivas de imprensa, *press-releases*, datas no ciclo parlamentar, calendário esportivo, abertura e fechamento de mercados, etc.), não é mais suficiente. Grande parte das matérias hoje não é necessariamente feita desta forma (nem em tais lugares), e, em muitos casos, a matéria é feita virtualmente (usando os dados como fontes) ou completamente online – por exemplo, as organizações jornalísticas sociais nativas da internet como a *Reported.ly* nos Estados Unidos e a *Bellingcat* na Inglaterra. Concentrar-se nas rotinas de produção jornalística estabilizadas ao longo do tempo já não é suficiente no sentido de mapear e explicar a diversidade do trabalho jornalístico.

Além do caráter online, móvel e virtual de grande parte das matérias e narrativas de hoje em dia, a natureza da organização jornalística contemporânea está mudando tão rápido que parece seguro assumir que as rotinas podem ser tudo menos estáveis nesses ambientes. Considerando que as redações estão convergindo e integrando pessoas, unidades e departamentos, uma série de novas formas organizacionais emerge ao redor do mundo, consistindo em coletivos editoriais (online e offline), *startups* de notícias e redações *pop-up*, incluindo inovações gerenciais. Um exemplo específico de formas organizacionais emergentes no jornalismo é a introdução de sucessivos desenvolvimentos “ágeis” em empresas jornalísticas renomadas como Washington Post, NPR, Politiken e BBC. O “ágil” se refere a um conjunto de princípios de gestão comumente usados no desen-

volvimento de softwares, e no contexto da produção jornalística, estipula projetos em ritmo acelerado com ciclos curtos de projetos, com equipes de trabalho temporárias e baseados na integração de pessoas de diferentes partes da empresa – repórteres, editores, designers, desenvolvedores, pesquisadores de mercado e executivos.

Estas novas formas de organização jornalística desafiam não somente a produção, mas também exigem novas rotinas a serem desenvolvidas. Além do fato de que o foco nas rotinas desmente uma prática diária que talvez não seja tão estável ou sólida como costumava ser, as mudanças contemporâneas provocadas pela disrupção e pela inovação nos forçam a reavaliar a conceituação de “rotina” como uma função organizacional. Este é, então, um último desafio para os pesquisadores da área de jornalismo: sem jogar o bebê fora junto com a água do banho, como conceituar o trabalho jornalístico fazendo justiça tanto às práticas de trabalho rotinizadas quanto as fluxionais, bem como a convergência entre tais práticas?

4.5. Jornalistas Individuais

Nossa discussão sobre as redações contemporâneas indicou que, no nível dos jornalistas individuais que trabalham com jornalismo, uma importante observação precisa ser feita: a quantidade de jornalistas assalariados e contratados trabalhando no ambiente da redação é cada vez menor. O número de demissões no jornalismo não foi nada surpreendente na última década. Os valores informados pelos sindicatos de jornalismo e pelas associações comerciais nos países desenvolvidos nos últimos anos sugerem que seus membros veem seus colegas sendo demitidos (e não substituídos), a escassez de pessoal está em ascensão, e mais e mais jornalistas trabalham em bases contingentes (Ilo, 2006). Os profissionais têm, hoje em dia, no jornalismo, cada vez mais contratos, não carreiras, e o estresse e o *burnout* estão em ascensão (Reinardy, 2011; O'Donnell; Zion; Sherwood, 2015). Como é evidente em todos os diferentes níveis de análise, a precariedade tem se tornado parte da experiência vivida no jornalismo.

Das pessoas que foram deixadas na profissão,

algumas ainda desfrutam de um contrato permanente (incluindo benefícios e proteções) em uma organização jornalística formal. Estas pessoas são geralmente mais velhas, funcionários que trabalham lado-a-lado com uma série de concorrentes-colegas em papéis que podem ser qualquer coisa menos estáveis ou estruturais: estagiários (não-pagos ou mal pagos), trabalhadores temporários, trabalhadores de tempo parcial, contratantes independentes. Em um desenvolvimento semelhante ao de outras profissões – particularmente aquelas entre as indústrias criativas – os empregos permanentes estão desaparecendo do jornalismo e geralmente os estágios não-remunerados e outras formas de trabalho gratuito agora determinam o acesso ao que um dia pode ser algum tipo de arranjo de trabalho formal.

Tudo isso está acompanhado por um aumento do custo de entrada no jornalismo: um diploma de uma *trade school* é o mínimo: para empregos em mídias jornalísticas nacionais de qualidade, na prática, a formação em ensino superior é requerida. Os estudantes. As bolsas de estudos na maior parte do mundo desenvolvido têm sido cortadas, suas durações têm sido encurtadas, e elas têm sido convertidas em empréstimos. A maioria dos recém-chegados à profissão começa como um jornalista *freelancer* ou outra forma independente (e a maioria dos jornalistas continua trabalhando dessa forma). Para os jornalistas *freelancers*, as tarifas caíram estruturalmente ao longo da última década. Na verdade, um número crescente de profissionais de tempo parcial, *freelancers* e outros agentes “livres” no negócio midiático não ganha a maioria do seu salário com trabalho jornalístico, optando alternativamente por uma prática híbrida e subvencionada (Weischenberg; Malik; Scholl, 2006, p. 350; Vinken; Ijdens, 2013, p. 4).

Para a pesquisa em jornalismo, isso traz um desafio de captar a diversidade das práticas de trabalho e da gama de trabalhadores na indústria: os jornalistas atípicos mencionados acima tendem a ser ignorados pelas pesquisas acadêmicas sobre jornalistas ao redor do mundo. O mesmo vale para o trabalho que eles fazem, como eles fazem o que fazem, e o que significa ser um jornalista para eles. A população do jornalismo está mudando. Com a dinâmica

acelerada das reorganizações e rearranjos, aquisições e demissões, novos proprietários e executivos, novos arranjos de trabalho e cortes de orçamento, o jornalismo tornou-se menos acessível a todos. Na verdade, o jornalismo parece cada vez mais ser o campo de ação de uma classe rica, apenas aqueles que podem se dar ao luxo de trabalhar durante anos ou até mesmo a maioria de suas carreiras ganhando menos ou em torno do salário mínimo nas cidades maiores e, portanto, mais caras, onde as principais organizações midiáticas estão, em geral, localizadas. Portanto, é mais importante do que nunca apreender quem está trabalhando no jornalismo, sob que circunstâncias o trabalho é feito, que tipo de trabalho é produzido, e, em última instância, qual o impacto na sociedade e na autogestão dos cidadãos.

Claramente, a composição da profissão está mudando: por um lado, a profissão está envelhecendo, como aqueles contratados de organizações midiáticas que, muitas vezes, tiveram o benefício de uma longa carreira. Os jovens jornalistas entram na profissão em grande número (os cursos de jornalismo são muito populares entre os estudantes, tanto na graduação quanto na pós-graduação), mas eles deixam a profissão relativamente rápido, como mostra uma comparação de questionários aplicados entre 1996 e 2011 entre jornalistas de 31 países (Willnat; Weaver; Choi, 2013, p. 4). Este processo é um espelho do efeito de “porta giratória” (*revolving door*) que afeta longamente as carreiras de mulheres (e minorias étnicas) em profissões dominadas por trabalhadores homens e brancos (Jacobs, 1989). Isso levanta a questão sobre quais tipos de pessoas – em termos demográficos, nível socioeconômico e tipo de personalidade – podem sobreviver e prosperar além da “porta giratória”. Para entender o jornalismo, é importante apreender quem o povoa (e também quem não), para obter uma visão sobre as condições em que eles trabalham, e, finalmente, como isso informa o tipo de jornalismo que é produzido.

5. DISCUSSÕES E CONCLUSÃO

Neste artigo, analisamos como os modos pós-industriais de jornalismo enfrentaram rupturas diferentes e argumentamos que essas rupturas desafiam fundamentalmente as formas dominantes de conceituar, teorizar e analisar as práticas jornalísticas. A teoria do jornalismo predominantemente tem tratado o jornalismo como um objeto estável, o que significa dizer que ela é incapaz de lidar com a complexidade e a mudança contínua e o estado de “tornar-se” no campo. Em última análise, a nossa exploração dos desenvolvimentos disruptivos sugere que nós precisamos ver o jornalismo como um objeto em movimento. Em outras palavras: precisamos perguntar o que está se tornando o jornalismo, em vez de se perguntar o que é o jornalismo (Deuze, 2005). Consideramos como o “tornar-se” do jornalismo está evoluindo atualmente nos níveis de sistema social, instituições sociais, organizações jornalísticas e o jornalista individual. Enxergando o desenvolvimento do jornalismo por meio desses pontos de acesso, torna-se claro como o contexto, as instituições, as práticas e a população do jornalismo estão mudando significativamente.

Para os pesquisadores desse campo, é de importância crítica não apenas apreender uma “fotografia instantânea” do jornalismo em um determinado momento, congelando certos fenômenos como se estivessem estáveis, mas focalizando o “tornar-se” do jornalismo: mostrar o processo através do qual o jornalismo é constituído dentro de seu contexto social, reconhecer a variedade dos atores envolvidos no processo e delinear as definições mutantes de quem é de quem não é jornalista, bem como a natureza precária e inconstante da notícia. O objetivo final de uma pesquisa e de suas teorias resultantes não é “fixar” o jornalismo e seu papel na sociedade, mas refletir e abrir espaço para a multidão de práticas sempre incertas e seu impacto variável na sociedade. Uma pesquisa tem que se basear não apenas em uma variedade de pontos-de-vista, como discutimos aqui, mas também em uma variedade de perspectivas teóricas e metodológicas para considerar o “tornar-se” do jornalismo. Além disso, para fazer justiça à sua complexidade, tal triangulação precisa permitir que

várias definições coexistam, para permitir vários *insights*, mesmo (ou especialmente) quando eles contradizem uns aos outros. É neste espaço de dúvida e insegurança que pode surgir uma compreensão mais profunda e mais complexa do jornalismo na era digital (Costera-Meijer, 2016).

Tais explorações, como aqui pretendemos inspirar, mostrarão que o que acontece nos níveis do indivíduo, da organização, da instituição e do sistema social nem sempre pintam uma imagem coerente e clara de uma profissão estável e claramente delimitada. Uma das tensões que uma pesquisa pode trazer, e que gostaríamos de destacar no parágrafo final, é que ser um jornalista profissional e trabalhar com jornalismo no século XXI significa, para a maioria, ter que ir além do jornalismo. Ao focarmos, como aqui sugerimos, sobre o “tornar-se” do jornalismo, traçando a experiência vivida por jornalistas individuais em seu contexto organizacional, institucional e social, vemos que muitos (se não a maioria) dos jornalistas hoje estão envolvidos muito além do que qualquer profissão poderia pedir. Normalmente, a profissão pede por um determinado tipo de compromisso, mas os jornalistas na era digital têm de se comprometer, além de tudo, porque o seu trabalho é inseguro, o seu salário limitado, a confiança do público precária e o seu tempo de trabalho se estende além do *deadline* e do cronograma previsto. Com as proteções institucionais e os privilégios da profissão limitados, isso significa que seu caminho se torna cada vez mais pessoal. Esse envolvimento pessoal, afetivo e emotivo com o trabalho jornalístico, que no período de “alta modernismo” (Hallin, 1992) poderia ser relacionado com o “viver e respirar as notícias” dos jornalistas, precisa ser reconsiderado com as definições mutáveis sobre o que é o jornalismo, em sentidos institucionais, organizacionais e sociais. Uma das questões principais que os pesquisadores em jornalismo precisam considerar é o que o jornalismo está se tornando em um contexto profundamente precário no que se refere ao ambiente de trabalho, à carreira e à indústria, contexto este onde os jornalistas individuais atualmente operam.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. *Post-Industrial Journalism: adapting to the present*, 2012.
- ANDERSON, C.W. Blowing up the newsroom: Ethnography in an Age of Distributed Journalism. In: DOMINGO, D.; PATERSON, C. (org.). *Making Online News*. New York: Peter Lang, 2012.
- BAUMAN, Z. *Liquid modernity*, Cambridge: Polity Press, 2000
- BAUMAN, Z. *Liquid Life*. Cambridge: Polity Press, 2005.
- BECK, Ulrich. *The brave new world of work*. Cambridge: Polity, 2000.
- BRIGGS M. *Entrepreneurial journalism*. New York, CQ Press, 2001.
- CASTELLS, M. *The Rise of the Network Society*. 3rd edition. Cambridge, MA and Oxford: Blackwell, 2010
- CHIA, R. From modern to postmodern organizational analysis. *Organization Studies* 16(4), 579-604, 1995.
- COSTERA-MEIJER, I. Practicing audience-centred journalism research. In: WITSCHGE, T.; ANDERSON, C.W; DOMINGO, D.; HERMIDA, A. (eds), *Sage Handbook of Digital Journalism*. London: Sage, 2016.
- COTTLE, S. Ethnography and news production: new(s) developments in the field. *Sociology Compass* 1, 1-16, 2007.
- DEUZE, M. What is Journalism? Professional Identity and Ideology of Journalists Reconsidered. *Journalism* 6(4): 443-465, 2005.
- DEUZE, M. Journalism in Liquid Modern Times: an Interview with Zygmunt Bauman. *Journalism Studies* 8(4), 671-679, 2007.
- DEUZE, M. The Professional Identity of Journalists in the Context of Convergence Culture [online]. In: *Observatorio* 2(4), 2008.

DEUZE, M. Journalism, Media Life, and the Entrepreneurial Society. *Australian Journalism Review* 36(2), 119-130, 2014.

GALL, G. New technology, the labour process and employment relations in the provincial newspaper industry. *New Technology, Work and Employment* 15(2), 94-107, 2000.

GAUNTLETT, D. *Making is connecting*. Cambridge: Polity Press, 2011.

GRABHER, G. The project ecology of advertising: tasks, talents and teams. *Regional Studies* 36(3): 245-262, 2002.

HALLIN, D. The passing of the “high modernism” of American journalism. *Journal of Communication* 42 (3), 14-25, 1992.

HANITZSCH, T.; MELLADO, C. What Shapes the News around the World? How journalists in 18 countries perceive influences on their work. *International Journal of Press/Politics*, 16, 404-426, 2011.

HARTLEY, J. Communicational democracy in a redactional society. *Journalism* 1(1), 39-47, 2000.

INTERNATIONAL Labour Organization *The changing nature of work: a global survey and case study of atypical work in the media industry*. Research report, 2006.

JACOBS, J. *Revolving Doors: Sex Segregation and Women's Careers*. Palo Alto: Stanford University Press, 1989.

JENKINS, H. The cultural logic of media convergence. *International Journal of Cultural Studies* 7(1), 33-43, 2004.

JOSEPHY, B. De-Coupling Journalism and Democracy: Or How Much Democracy Does Journalism Need? *Journalism* 14(4): 441-445, 2013.

KEITH, S. Shifting Circles: Reconceptualizing Shoemaker and Reese's Theory of a Hierarchy of Influences on Media Content for a Newer Media Era. *Web Journal of Mass Communication Research* 29, 2011.

LE MASURIER, Megan. What is Slow Journalism? *Journalism Practice* 9(2), 138-152, 2015.

LEE-WRIGHT, P.; PHILLIPS, A. Doing it all in the multi-skilled universe. In: LEE-WRIGHT, P.; PHILLIPS, A.; WITSCHGE, T. (Eds.), *Changing Journalism*. London: Routledge, 2012, p. 63-80

LEWIS, S.; USHER, N. (2014). Code, collaboration, and the future of journalism. *Digital Journalism*, 2:3, 383-393, 2014.

LOWREY, W.; ANDERSON, W. W. The Journalist Behind the Curtain: Participatory Functions on the Internet and their Impact on Perceptions of the Work of Journalism. *Journal of Computer-Mediated Communication* 10(3), 2005.

McNAIR, B. *Sociology of journalism*. London: Routledge, 2003.

McQUAIL, D. *Journalism and Society*. London: Sage, 2013.

20 MOLONEY, K. *Transmedia Journalism as a Post-Digital Narrative*. ATLAS-2012-11-02. Denevr: University of Colorado, 2012.

MOSCO, V. The future of journalism. *Journalism* 10(3): 350-352, 2009.

O'DONNELL, P.; ZION, L.; SHERWOOD, M. Where do journalists go after newsroom job cuts? *Journalism Practice*, 2015.

REESE, S. Understanding the global journalist: a hierarchy-of-influences approach. *Journalism Studies* 2 (2), 173-187, 2001.

REINARDY, S. Newspaper journalism in crisis: Burnout on the rise, eroding young journalists' career commitment. *Journalism* 12(1), 33-50, 2011.

PICARD, R. The biggest mistake of journalism professionalism. The Media Business 1/2/10, 2010.. URL: <http://themediabusiness.blogspot.nl/2010/01/biggest-mistake-of-journalism.html>.

RUSSO, T.C. Organizational and professional identification: a case of newspaper journalists. *Management*

Communication Quarterly 12(1), 72-111, 1998.

RYAN, K.M. The performative journalist : Job satisfaction, temporary workers and American television news. *Journalism* 10(5): 647-664, 2009.

SCHOLL, A., WEISCHENBERG, S. *Journalismus in der Gesellschaft: Theorie, Methodologie und Empirie*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1998.

SCHUDSON, M. *The power of news*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

SENNETT, R. *The culture of the new capitalism*. New Haven: Yale University Press, 2006.

SEO, M.G., CREED, D. W.E. Institutional Contradictions, Praxis, and Institutional Change: A Dialectical Perspective. *The Academy of Management Review* 27(2), pp. 222-247, 2002.

SHOEMAKER, P.J., REESE, S.D. *Mediating the Message in the 21st Century: A Media Sociology Perspective*. New York: Longman, 2014.

STEARNS, J. *Acts of Journalism: Defining Press Freedom in the Digital Age*. New York: Free Press, 2013.

STOREY, J., SALAMAN, G.; PLATMAN, K. Living with enterprise in an enterprise economy: freelance and contract workers in the media. *Human Relations* 58(8): 1033-1054, 2005.

TUCHMAN, G. Making news by doing work: routinizing the unexpected. *American Journal of Sociology* 78(1): 110-131, 1973.

VAN DE WALLE, S.; VAN ROOSBROEK, S.; BOUCKAERT, G. Trust in the public sector: Is there any evidence for a long-term decline? *International Review of Administrative Sciences* 74(1): 45-62, 2008.

VINKEN, H.; IJDENS, T. *Freelance Journalisten, Schrijvers en Fotografen*. Tilburg: Pyrrhula, 2013.

WAHL-JORGENSEN, K. News production, ethnography, and power: on the challenges of newsroom-centricity. Bird, E. (Ed.), *Journalism and Antropology*, 21-35. Bloomington: IU Press, 2009.

WEISCHENBERG, S. *Journalistik: Theorie und Praxis aktueller Medienkommunikation. Band 1: Mediensysteme, Medienethik, Medieninstitutionen*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1992.

WEISCHENBERG, S., Malik, M., Scholl, A. Journalismus in Deutschland 2005. *Media Perspektiven* 7, 346-361, 2006.

WILLNAT, L.; WEAVER, D.; CHOI, J. The global journalist in the twenty-first century. *Journalism Practice*, 7(2), 163-183, 2013.

WITSCHGE, T. Transforming Journalistic Practice: A profession caught between change and tradition. In: PETERS, C.; BROERSMA (eds.). *Rethinking Journalism: Trust and participaton in a transformed news landscape*. London: Routledge, 2013, p. 160-172.

WITSCHGE, T.; NYGREN, G. Journalism: A profession under pressure? *Journal of Media Business Studies*, 6(1), 37-59, 2009.

ZELIZER, B. On the Shelf Life of Democracy in Journalism Scholarship. *Journalism* 14(4): 459-473, 2013.

**Enviado em 15 de maio de 2016.
Aprovado em 05 de agosto de 2016.**